ISSN: 2358-8829

O CÓDIGO DO EU: MEU NOME, MINHA HISTÓRIA

Ariane Berri Riegel[1]

RESUMO

A adolescência é um período marcado por transformações físicas, psíquicas e relacionais e isso requer que a escola seja um espaço de escuta sensível, acolhimento e humanização. É com esse propósito que o projeto "O Código do Eu: meu nome, minha história" foi desenvolvido no cotidiano escolar da E.M.E.F. Padre Bruno Linden (Massaranduba - SC), no âmbito da disciplina de Ensino Religioso, estruturando-se para que os estudantes obtenham ferramentas de resiliência, empatia e segurança emocional. O projeto teve como objetivo principal promover o autoconhecimento, fortalecer a autoimagem e a autoestima, reconhecendo o nome como elemento central da identidade pessoal, cultural e social. O projeto estruturou-se em quatro etapas complementares e progressivas que articularam pesquisa familiar, escrita reflexiva, expressão artística e dinâmicas corporais. A metodologia proporcionou que os alunos realizassem um resgate histórico e afetivo junto aos familiares para investigar a origem, os significados e as inspirações por trás de seus nomes. Esse levantamento impulsionou a produção da "Carta para Si" onde dialogaram com sua trajetória e projeções de futuro. A "Mandala do Nome" utilizou a arte como via de expressão não verbal para que integrassem valores, sonhos e qualidades — cujo registro no verso revelou tanto a facilidade expressiva quanto importantes pontos de vulnerabilidade emocional que exigiram acolhimento. Por fim, a autoimagem e a autoestima foram consolidadas por meio do caligrama do corpo, unindo visualmente a imagem física e o mundo interior. Os dados diagnósticos atestaram o impacto transformador da iniciativa: entre 65% e 70% dos alunos relataram que seus nomes ganharam muito mais valor após conhecerem o carinho de suas origens. A experiência comprovou que aliar afeto, arte e escrita autoral transforma o nome de cada estudante em um farol genuíno para o seu Projeto de Vida.

Palavras-chave: Autoconhecimento, Identidade, Nome próprio, Ensino Religioso, Projeto de Vida.

1 INTRODUÇÃO

A fase do Ensino Fundamental II é marcada por intensas transformações físicas, cognitivas e socioemocionais. Trata-se do período de transição da infância para a adolescência, em que todo o ser humano perpassa, momento em que a busca pela identidade, a necessidade de pertença e a consolidação da autoimagem ganham centralidade absoluta na vida dos estudantes. Embora os termos infância e adolescência se distingue pela origem gramatical, sob a ótica do desenvolvimento humano, a adolescência não se resume apenas a uma etapa de transição biológica, mas constitui um momento crucial de reestruturação psíquica e social, em que o jovem passa a questionar o mundo

[1] Mestre em Educação pela Universidade Regional de Blumenau – FURB, ariane.riegel@gmail.com .

ISSN: 2358-8829

ao seu redor e a si mesmo. E escola é um espaço de convívio diário e isso significa que há uma certa exigência da instituição escolar em desenvolver um papel ativo na mediação desse processo de individuação.

Nessa perspectiva, a construção do 'eu' não ocorre de forma isolada, mas sim na interseção entre o sujeito e o coletivo, alimentada pelas trocas culturais e pelas narrativas que circundam a sua história de origem. Como aponta Paulo Freire (2004), é na relação dialógica com a outredade — o reconhecimento do outro e do contexto que nos cerca — que o indivíduo assume a realidade profunda de sua própria existência, transformando-se em sujeito da sua história e não mero espectador. O ato educativo, portanto, deve ser um espaço de libertação e autoconhecimento, onde o estudante se reconhece como parte de uma teia social e cultural.

Complementando essa visão, a psicologia histórico-cultural e os estudos sobre a constituição do sujeito demonstram que os signos de identificação pessoal, com destaque para o nome próprio, operam como a âncora inicial da narrativa identitária. Para Emília Ferreiro (1985) e teóricos da psicogênese da língua escrita, a palavra escrita e nomeada carrega um valor simbólico profundo que transcende a mera decodificação: ela representa a apropriação do próprio espaço no mundo. O nome não é algo vazio de sentido; ele traz em si a ancestralidade, os afetos, os desejos e as expectativas familiares, carrega a historicidade que precede o sujeito, além de gerar o sentimento de identidade e pertencimento no mundo.

No âmbito específico do Ensino Religioso, componente curricular que convida ao trato com a alteridade, os valores existenciais e a transcendência do sentido da vida, a reflexão sobre a identidade ganha contornos ainda mais profundos. Conforme destaca Rubem Alves (2002), educar é impregnar de sentido o que fazemos, despertando no educando a capacidade de olhar para dentro de si e encontrar a essência de sua humanidade. O autoconhecimento ergue-se, assim, como uma ferramenta de saúde emocional e maturidade espiritual no sentido lato do termo: a capacidade de integrar corpo, mente, história e propósito. Nessa perspectiva, a Base Nacional Comum Curricular reafirma que o Ensino Religioso deve assegurar o conhecimento dos valores éticos e das identidades, constituindo-se como espaço articulador da aprendizagem "no sentido de valorizar e respeitar as manifestações religiosas e filosofias de vida, sem preconceitos" (BRASIL, 2018, p. 433), fortalecendo a construção da alteridade e do autoconhecimento.

ISSN: 2358-8829

Uma busca simples nas dissertações da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) aponta uma cena reflexiva: utilizado como descritor para o título o termo *nome-próprio*, *identidade*, a pesquisa apresentou 290 teses/dissertações com estes termos. Porém, ao ler cada título, nenhum trabalho dirigia-se ao seu nome próprio como forma de se conhecer melhor.

Nesse cenário, vale pensar que a escola desempenha, além de um ambiente de construção de conhecimentos, um papel inestimável ao constituir-se como um espaço seguro de escuta, acolhimento e desenvolvimento integral, conectando o desempenho acadêmico ao bem-estar emocional e à saúde mental.

Desenvolvido nas turmas de 6º, 7º, 8º e 9º anos na Escola Municipal Padre Bruno Linden (Massaranduba - SC), o projeto *'O Código do Eu: meu nome, minha históri*a' responde diretamente a essa urgência pedagógica e existencial.

Para tanto, a iniciativa tem como objetivo geral promover o autoconhecimento, fortalecer a autoimagem e a autoestima dos discentes, reconhecendo o nome como elemento central da identidade pessoal, cultural e social. Esse propósito desdobra-se nos seguintes objetivos específicos:

a) Pesquisar a origem e o significado do próprio nome junto à família;

b) Compreender o nome como parte viva da identidade e da história pessoal;

c) Representar simbolicamente a identidade por meio de expressões artísticas e textuais (como cartas e mandalas);

d) Refletir criticamente sobre as próprias qualidades, valores e projeções de futuro dentro do itinerário de Projeto de Vida.

2 METODOLOGIA

O projeto foi aplicado semanalmente nas aulas de Ensino Religioso ministradas pela gestão escolar na Escola Municipal Padre Bruno Linden, localizada em Massaranduba (SC). As intervenções ocorreram às segundas-feiras, com duração de 56 minutos por sessão, envolvendo estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental II, anos finais, que compreendem estudante dos 6º ao 9º ano.

Estruturado em quatro etapas complementares e progressivas, o projeto articulou pesquisa familiar, escrita reflexiva, expressão artística e dinâmicas socioemocionais para conduzir os discentes a uma jornada de introspecção e autoconhecimento:

ISSN: 2358-8829

Aula 1 – A importância e o significado do nome: A etapa inicial propôs um resgate histórico e afetivo junto aos familiares. Por meio de uma pesquisa orientada, os estudantes investigaram quem escolheu seus nomes, se houve outras opções consideradas, a inspiração familiar ou cultural, e o significado atribuído à escolha. Em sala, a discussão foi problematizada com reflexões sobre o valor simbólico do nome e a escuta de narrativas, permitindo que o estudante compreendesse as raízes, os desejos e as memórias que circundam sua identidade desde o nascimento. Os dados diagnósticos desta etapa evidenciaram que grande parte dos alunos redescobriu o valor de sua história pessoal ao perceber o carinho envolvido na escolha familiar.

Aula 2 – Carta para si: Utilizando os dados levantados na pesquisa anterior, os estudantes realizaram uma produção textual de natureza reflexiva: a Carta para Si. O exercício estimulou o estudante a dialogar com sua própria trajetória, articulando o passado familiar com suas projeções de futuro, reconhecimento de virtudes e autoaceitação. Com níveis de exigência adaptados gradativamente do 6º ao 9º ano, a atividade promoveu o desenvolvimento da escrita autoral e sensível, servindo como canal de expressão para sentimentos, expectativas e propósitos de vida.

Aula 3 – Mandala do nome: Integrando a linguagem artística à reflexão socioemocional, esta etapa focou na representação simbólica da identidade. Conduzida como uma atividade manual e relaxante, os estudantes posicionaram seus nomes no centro de uma mandala e preencheram as camadas geométricas com símbolos, cores e elementos visuais que representavam suas qualidades, valores, gostos e sonhos. A princípio, uma atividade especialmente simples. A prática estimulou a concentração e ofereceu uma via não verbal de comunicação para características pessoais que muitas vezes são difíceis de externar apenas pela escrita. Na sequência, os estudantes foram convidados a elencar suas qualidades no verso da mandala, revelando dados diagnósticos cruciais: enquanto uma parcela demonstrou clareza ao descrever atributos positivos, outros evidenciaram barreiras e sentimentos autodepreciativos, direcionando intervenções pedagógicas empáticas.

Aula 4 – Autoimagem e autoestima: A etapa de fechamento concentrou-se na consolidação da autoimagem e da valorização pessoal por meio da dinâmica do caligrama do corpo. Os estudantes desenharam o contorno corporal preenchendo-o com suas qualidades e traços de personalidade. Essa estratégia permitiu concretizar visualmente a ideia de que a imagem física e o mundo interior caminham indissociáveis na construção

ISSN: 2358-8829

de quem são, fortalecendo a autonomia, a resiliência e a segurança emocional exigidas na fase da adolescência.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para avaliar o impacto do projeto, foi aplicado um questionário estruturado aos estudantes do 7º ao 9º ano ao término das quatro etapas. A análise dos dados diagnósticos quantitativos e qualitativos permite compreender as percepções dos alunos acerca de cada dimensão trabalhada.

Na Aula 1 (A importância e o significado do nome), os dados revelam um impacto predominantemente positivo na reconstrução da autoimagem discente. A Tabela 1 sintetiza o sentimento dos alunos após a pesquisa familiar: *após realizar a pesquisa sobre a origem do seu nome com sua família, como você se sente em relação a ele? (A) Não sinto diferença, pois a história do passado não interfere em quem eu sou hoje. (B) Fiquei desconfortável ao descobrir informações sobre meu nome. (C) Sinto que meu nome tem mais valor, pois conheço a história e o carinho por trás da escolha.*

Tabela 1: Construção da autoimagem

Percepção sobre o Nome	7º Ano (%)	8º Ano (%)	9º Ano (%)
Sinto que meu nome tem mais valor (conheço a história/carinho)	65%	70%	70%
Não sinto diferença (o passado não interfere no presente)	30%	30%	30%
Fiquei desconfortável com as informações descobertas	5%	0%	0%

Os relatos espontâneos reforçam a relevância desse resgate: no 7º ano, destacou-se a descoberta de homenagens a pais e avós; no 8º ano, sobressaiu a percepção do nome como símbolo de superação de perdas familiares; no 9º ano, consolidou-se o sentimento de orgulho e pertencimento pelas raízes culturais.

Na Aula 2 (Carta para Si), a atividade de escrita reflexiva resultou em expressiva adesão emocional: a*o escrever a "Carta para Si", você: (A) Ficou feliz em*

ISSN: 2358-8829

escrever para seu "eu" a história do seu nome. (B) Escreveu alguma curiosidade que descobriu. (C) Não agregou nenhuma informação ou sentimento.

Constata-se que 55% dos estudantes do 7º ano, 48% do 8º ano e 50% do 9º ano afirmaram ter ficado felizes ao escrever para o seu 'eu'. Além disso, o registro de curiosidades foi assinalado por 40% (7º ano), 23% (8º ano) e 30% (9º ano), demonstrando que a escrita autoral atua como ponte eficaz para o autoconhecimento.

Em relação à Aula 3 (Mandala do Nome), a Tabela 2 apresenta a distribuição das reações dos discentes diante da atividade artística e do registro de qualidades: *ao fazer a 'Mandala do Nome', você: (A) Gostou de ver seu nome ao centro representando sua identidade. (B) Gostou por ser uma atividade manual relaxante. (C) Foi difícil escrever suas qualidades. (D) Ficou ansioso pela exposição e reflexão da mandala aos pais.*

Tabela 2: reação diante da atividade artística e do registro da qualidade

Reação / Percepção na Mandala	7º Ano (%)	8º Ano (%)	9º Ano (%)
Atividade manual relaxante	50%	49%	48%
Gostou de ver o nome ao centro (identidade)	23%	17%	40%
Dificuldade em escrever as próprias qualidades	18%	26%	12%
Ansiedade pela exposição aos pais	8%	8,5%	0%

Os dados da Tabela 2 evidenciam a importância do acolhimento pedagógico: o percentual de estudantes que manifestaram dificuldade em listar suas qualidades (com picos de 26% no 8º ano) e a ocorrência isolada de autodefinições autodepreciativas servem como alerta para a necessidade contínua de ações voltadas à saúde mental na escola.

Na Aula 4 (Caligrama do Corpo - Autoimagem e Autoestima), em que as perguntas se baseiam em: *no desenho do caligrama, o que a atividade representou para você? (A) Que as qualidades são mais importantes que a aparência física. (B) Que minha imagem física e minha personalidade (qualidades) estão unidas na construção de quem eu sou. (C) Que não tenho muitas qualidades. D) Tanto o desenho quantas as qualidades*

ISSN: 2358-8829

foram difíceis de fazer, resulta-se que a maioria dos estudantes em todas as turmas (58% no 7º ano, 65% no 8º ano e 52% no 9º ano) compreendeu que as qualidades e valores interiores são mais importantes que a aparência física. Adicionalmente, expressiva parcela (30% no 7º ano, 10% no 8º ano e 37% no 9º ano) reconheceu que a imagem física e a personalidade estão unidas na construção da identidade integral.

Por fim, ao definirem seus nomes em uma única palavra ao término do projeto (*em uma palavra, como você define seu nome após esse projeto?*), as respostas dos estudantes agruparam-se em quatro eixos constitutivos: (a) Afeto e Pertencimento (amor, carinho, especial, importante, felicidade); (b) Força e Resiliência (forte, corajoso, vitoriosa, batalhadora); (c) Espiritualidade e Ancestralidade (luz, Deus, anjo, estrela); e (d) Identidade Singular (único, bonito, especial).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Promover o autoconhecimento no Ensino Fundamental II é dotar os estudantes de ferramentas essenciais para que naveguem pelos desafios da adolescência com resiliência, empatia e segurança emocional. Em uma etapa marcada por profundas metamorfoses corporais, psíquicas e relacionais, a escola deixa de ser apenas um espaço de transmissão de conteúdos formais para se consolidar como um território de escuta sensível, acolhimento e humanização.

É nesse cenário que o projeto 'O Código do Eu: meu nome, minha história', concretizado na realidade dos estudantes da EMEF Padre Bruno Linden, em Massaranduba (SC), cumpre esse papel com singular sensibilidade e rigor pedagógico, transformando o nome de cada estudante em um farol genuíno para o seu Projeto de Vida.

Embora seja um projeto de estrutura simples, os dados diagnósticos coletados ao longo da aplicação do projeto com as turmas da Escola Municipal Padre Bruno Linden demonstram transformações: entre 65% e 70% dos alunos do 7º ao 9º ano relataram sentir que seus nomes ganharam muito mais valor após conhecerem a história e o carinho por trás de suas escolhas. Além disso, a expressiva adesão às atividades artísticas e reflexivas confirma que metodologias que unem afeto, arte e escrita autoral dentro do Ensino Religioso são altamente eficazes para promover um ambiente escolar humanizado, empático e acolhedor.

Ao transitar por dinâmicas que exigem tanto a introspecção quanto a expressão criativa, os estudantes encontram canais legítimos para externar suas dores, reconhecer suas potencialidades e validar suas histórias, provando que o cuidado socioemocional é o alicerce indispensável para qualquer aprendizagem significativa.

Ao resgatar as raízes familiares, ao confrontar os medos e as autoimagens por meio da arte e da escrita reflexiva, e ao ressignificar o próprio nome como um símbolo vivo de ancestralidade e pertencimento, a iniciativa demonstra que o sucesso escolar e o desenvolvimento socioemocional caminham lado a lado. Os dados e as vivências colhidas comprovam que, quando o adolescente compreende a história que o precede, ele ganha autonomia para escrever o futuro que deseja alcançar, firmando-se como protagonista mais ético, consciente e seguro de sua própria identidade no mundo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. Campinas: Papirus, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2018.

FERREIRO, Emília. **Compreensão do sistema de escrita e construção do conhecimento**. São Paulo: Ática, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.